

# MAPEAMENTO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM TRÊS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA DE UNAÍ, MG<sup>1</sup>

*Francisco Eduardo de Castro Rocha<sup>2</sup>*

*José Luiz Fernandes Zoby<sup>3</sup>*

*Marcelo Leite Gastal<sup>4</sup>*

*José Humberto Valadares Xavier<sup>5</sup>*

## RESUMO

No artigo, discute-se a aplicabilidade da sociometria moreniana ao mapeamento da rede de comunicação interpessoal de agricultores estabelecidos em três projetos de assentamentos de reforma agrária, objetos de um projeto de pesquisa conduzido pela Embrapa Cerrados e voltado ao desenvolvimento comunitário rural, no Município de Unaí, MG. Foram levantadas as informações sobre as redes de comunicação interpessoal de cada assentamento. Em entrevistas, utilizaram-se perguntas relacionadas às interações política, afetiva e técnica entre os assentados. A pesquisa identificou também os motivos que os induziram a se comunicar no assentamento. Verificou-se que, nos três assentamentos, as pessoas mantêm baixo nível de interação/comunicação interpessoal, o que é um fator restritivo ao surgimento de novas lideranças locais, à integração grupal e ao desenvolvimento de atividades coletivas, principalmente aquelas que, fugindo ao controle de produção individual, dependem praticamente da integração do grupo. Os resultados da aplicação da técnica sociométrica servem como valioso subsídio para ações de desenvolvimento comunitário.

**Palavras-chave:** sociometria, desenvolvimento rural, desenvolvimento comunitário, agricultura familiar.

## MAPPING OF INTERPERSONAL RELATIONS IN THREE LAND REFORM SETTLEMENTS IN THE TOWN OF UNAÍ IN THE STATE OF MINAS GERAIS

## ABSTRACT

The article discusses the applicability of Moreno's Sociometrics for the mapping of the interpersonal communication net between agricultural producers belonging to three settlement projects of Agrarian

---

<sup>1</sup> Aceito para publicação em maio de 2003.

<sup>2</sup> Engenheiro agrícola, psicólogo, Mestre em Engenharia Agrícola, pesquisador da Embrapa Cerrados, Caixa Postal 08223, CEP 73301-970 Planaltina, DF. E-mail: rocha@cpac.embrapa.br

<sup>3</sup> Engenheiro agrônomo, Ph.D. em Produção Animal, pesquisador da Embrapa Cerrados. E-mail: zoby@cpac.embrapa.br

<sup>4</sup> Engenheiro agrônomo, Mestre em Sociologia, pesquisador da Embrapa Cerrados. E-mail: mgastal@cpac.embrapa.br

<sup>5</sup> Engenheiro agrônomo, cursando o mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília – UnB/CDS –, pesquisador da Embrapa Cerrados. E-mail: jhumbert@cpac.embrapa.br

Reform in Brazil. These three settlement projects are objects of a research project lead by the Embrapa Cerrados in the field of agricultural communitarian development, carried out in the City of Unaí (MG), in the SouthEast Region of the country. The community members had been interviewed after answering a questionnaire about their relationship with the others members according to three kinds of perspective - politic, affective and technical. The research also tried to identify the reasons that lead them to certain communication behaviour in the settlement area. It was verified that, in the three settlements, people mainly meet in low level of interpersonal relationship/communication. This is considered a restrictive factor to the sprouting of new local leaderships and to group integration and development of collective activities. The results of the application of the sociométrica technique serve as valuable subsidy for action of communitarian development.

**Key-words:** sociometrics, rural development, communitarian development.

## INTRODUÇÃO

As relações interpessoais desenvolvem-se, obviamente, em decorrência da interação entre as pessoas. O processo de interação humana é, como se sabe, complexo e ocorre permanentemente, sob a forma de comportamentos manifestos ou não, verbais e não-verbais, como pensamentos, sentimentos, reações mentais e/ou físico-corporais.

Moscovici (1998) chama a atenção sobre a importância das relações interpessoais no dia-a-dia, no seguinte relato:

“Pessoas convivem e trabalham com pessoas e portam-se como pessoas, isto é, reagem às outras pessoas com as quais entram em contato: comunicam-se, simpatizam e sentem atrações, antipatizam e sentem aversões, aproximam-se, afastam-se, entram em conflito, competem, colaboram, desenvolvem afeto. Essas interferências ou reações, voluntárias ou involuntárias, intencionais ou não-intencionais, constituem o processo de interação humana, em que cada pessoa, na presença de outra, não fica indiferente a essa situação de presença estimuladora” (p.34-36).

Portanto, segundo a autora, a forma de interação humana mais freqüente e usual é representada pelo processo amplo de comunicação, verbal ou não-verbal.

Este trabalho objetiva mapear as relações interpessoais de agricultores assentados, utilizando-se da Sociometria Moreniana, para identificar, em três assentamentos de reforma agrária, as pessoas que estão isoladas, as periféricas e as lideranças mais ativas, pelo prisma de três contextos: político, afetivo e técnico.

## O conhecimento da relação interpessoal como agente facilitador do processo de organização social

As relações sociais são a base da dinâmica de funcionamento de qualquer interação humana, seja num contexto de trabalho seja num ambiente social. Moscovici (1998), mais uma vez, esclarece como a interação humana funciona como suporte para o desenvolvimento. Em situações de trabalho compartilhado por duas ou mais pessoas, há atividades predeterminadas a serem executadas, bem como interações e sentimentos recomendados, tais como: comunicação, cooperação, respeito e amizade. À medida que as atividades e as interações prosseguem, os sentimentos despertados podem ser diferentes dos esperados inicialmente e, então, inevitavelmente, os sentimentos influenciarão as interações e as próprias atividades. Assim, sentimentos positivos de simpatia e atração provocarão aumento de interação e cooperação, repercutindo favoravelmente nas atividades e ensejando maior produtividade. Sentimentos negativos de antipatia e rejeição, por sua vez, tenderão a provocar diminuição das interações, afastamento e menor comunicação, repercutindo desfavoravelmente nas atividades, com provável queda de produtividade.

Esse ciclo “atividades–interações–sentimentos” não se relaciona diretamente com a competência técnica de cada pessoa. Profissionais competentes individualmente podem render muito abaixo de sua capacidade por influência do grupo e da situação de trabalho.

Quando uma pessoa começa a participar de um grupo, há uma base interna de diferenças que englobam conhecimentos, informações, opiniões, preconceitos, atitudes, experiências anteriores, gostos, crenças, valores e estilo comportamental, o que traz inevitáveis diferenças de percepção, opinião e sentimento em relação a cada situação compartilhada. Essas diferenças passam a constituir um repertório novo: o daquela pessoa naquele grupo. Se as diferenças são aceitas e tratadas ostensivamente, a comunicação flui facilmente e em dupla direção, ou seja, as pessoas ouvem umas às outras, falam o que pensam e sentem, e têm possibilidades de dar e receber feedback. Se, no entanto, as diferenças são negadas e suprimidas, a comunicação torna-se falha, incompleta, insuficiente, com bloqueios e barreiras, distorções e “fofocas”. As pessoas não falam o que gostariam de falar, nem ouvem umas às outras; só captam o que reforça a imagem umas das outras e da situação.

O relacionamento interpessoal pode tornar-se e manter-se harmônico e prazeroso, permitindo um trabalho cooperativo, em equipe, com integração de esforços, conjugando energias, conhecimentos e experiências para se alcançar um produto maior que a soma das partes, ou seja, de plena sinergia. Ou então tenderá a tornar-se tenso, conflitante, levando à desintegração de esforços, à divisão de energias e à crescente deterioração do desempenho grupal, tendendo para um estado de entropia do sistema e, finalmente, para a dissolução do grupo.

Liderança e participação eficazes em grupo dependem essencialmente da competência interpessoal do líder coordenador e dos membros. O trabalho em equipe só terá expressão real e verdadeira sob a condição e no momento em que os membros do grupo desenvolverem sua competência interpessoal, o que lhes permitirá a tão desejada e propalada sinergia, em seus esforços colaborativos, para obter muito mais que a simples soma das competências técnicas individuais como resultado conjunto do grupo.

Essa fundamentação explica não somente a situação das organizações de trabalho, mas também das sociais, como é o caso dos assentamentos de reforma agrária no Brasil. Essas comunidades, muitas vezes instaladas em um ambiente hostil e instável para a sobrevivência humana, necessitam de muito apoio coletivo, dependendo, portanto, de estreitas relações interpessoais para que possam se adaptar e se transformar em um ambiente no qual as pessoas possam não só viver como ser felizes.

#### A Sociometria aplicada ao estudo das relações interpessoais em comunidades rurais

Em 1912, em Viena, na Áustria, Jacob L. Moreno lançou os fundamentos da Sociometria e da Teoria da Espontaneidade. A partir das noções de papéis sociais, ligados à percepção de si e do outro, e de cada um com os indivíduos de seu ambiente pessoal, estabeleceu o átomo social de cada um, ou seja, a relação do indivíduo com os outros membros de seu grupo. Entre as necessidades essenciais do homem, Moreno arrolou a de ser amado, estimado, reconhecido e aceito. A necessidade de fazer parte de um grupo, de ser incluído, aparece na rede sociométrica, na topologia e na estrutura de todo grupo.

Essa rede – subjacente, informal e tácita – explicaria a posição de cada um no grupo (seu status sociométrico e sua posição na rede sociométrica),

como, por exemplo, seu papel, seu status, suas reações de atração, de repulsão e de indiferença pelo outro. Essa rede explicaria também, para cada indivíduo, o fato de ser ou não ser ouvido, de ser ou não compreendido ou seguido pelo grupo. Em outras palavras, isso explicaria, resumidamente, a dinâmica do grupo, ou seja, as forças impulsoras e restritivas do grupo. (Weil, 1967.)

Para estudar os fenômenos de grupo, a Sociometria, que é um método de medida do relacionamento humano, criado por Moreno, utiliza como instrumento um inquérito individual ou teste sociométrico das escolhas preferenciais dos indivíduos entre si, conforme a qual os membros de um grupo são solicitados a escolher outros indivíduos do próprio ou de outro grupo, por meio de questionamentos relacionados às situações que se deseja pesquisar. Espera-se que os indivíduos façam a escolha sem inibição e que não tomem em consideração se as pessoas escolhidas pertencem ou não ao seu grupo. (Moreno, 1974.)

O instrumento é um método de investigação das estruturas sociais por meio das medidas de atração e rejeição que existem entre os membros de um grupo. No domínio das relações interpessoais, são utilizados conceitos de significado humano, como “escolha” e “aversão”. Os termos mais gerais como “atração” e “repulsão” ultrapassam a esfera humana e indicam que, também em todas as sociedades não-humanas, como, por exemplo, em grupos de animais, existem configurações análogas, ou seja, um esquema de escolha e rejeição. Segundo Minicucci (1997), alguns sociômetras preferem não apresentar questões de rejeição, privando-se de indicações psicossociológicas essenciais que não só são valiosas para o diagnóstico individual, mas também permitem um exame consistente das tensões grupais para estabelecer “os núcleos de tensão no grupo e seu grau de coesão”.

Após o levantamento de todas as respostas, é possível construir uma carta sociométrica do grupo, isto é, o chamado “sociograma”. A disposição dos laços de comunicação informal constitui uma rede que, como se sabe, é o mapa dos canais não-oficiais por que passam as informações paralelas e os rumores.

O estudo da rede de comunicação por meio de modelos grafos<sup>6</sup>, do tipo sociograma, pode facilitar e ampliar o conhecimento a respeito das interações,

---

<sup>6</sup> Na abordagem das ciências humanas, um grafo se refere a um conjunto finito de pontos, os quais podem representar pessoas; e as linhas que os ligam, alguma relação, tal como apreciação mútua. No entanto, em outras áreas, os pontos podem ser denominados “nódulos”, por engenheiros eletricitistas, e “vértices”, por matemáticos.

tanto positivas como negativas, que ocorrem na organização em termos de canais de comunicação interpessoal. Mostra nitidamente a posição de cada membro em seu grupo, a saber: aqueles que têm maior potencial de liderança, ou os estrelas; aqueles com menor potencial de liderança, ou os periféricos; e os que não têm liderança, os rejeitados, os isolados, na organização/comunidade.

Minicucci (1997) acrescenta que as perguntas sejam dirigidas a todos no grupo ou individualmente, fora do espaço de reunião, sob a forma de questionário; as respostas, porém, deverão ser elaboradas individualmente. As modalidades de perguntas variam de conformidade com o critério para a formação de grupos: de trabalho, familiar, terapêutico, estudo e diversão. Para a aplicação do instrumento, ele recomenda que o facilitador motive o grupo quanto à aplicação do teste, informando, enfaticamente, que os resultados não serão divulgados. Além disso, sugere que, depois da aplicação do instrumento, sejam colhidas, em entrevista ou em conversa informal com os participantes, a justificativa das escolhas.

Rodrigues (1978), estudando a rede de comunicação interpessoal em duas comunidades rurais sob a ótica de mudanças tecnológicas, mapeou a interação grupal sob dois aspectos: afetivo e instrumental. O autor assim define a interação afetiva: “relacionamento de comunicação movido pela necessidade de compensação emocional, ou seja, relacionamento de amizade sem nenhum outro interesse” (p.61-62). E define a interação instrumental como: “relacionamento movido pelo interesse que têm os indivíduos em obter informações que lhes sejam úteis ou vantajosas para determinadas ações de trabalho”.

O mesmo autor destaca que o sociograma, ou seja, a rede de comunicação interpessoal, é composta de duas unidades básicas de análise: os nodos e os elos. Os nodos simbolizam os indivíduos componentes do sistema, enquanto os elos representam a pluralidade de relações de comunicação entre os indivíduos.

Os nodos assumem duas categorias: atuantes e não-atuantes. Os nodos atuantes são aqueles que participam ativamente do processo de troca e transferência de informações entre os membros da rede. Nodos não-atuantes são aqueles que têm muito pouco ou nenhum contato com os outros membros do sistema.

Entre os nodos atuantes, Rodrigues (1978) destaca a liderança de opinião, e a define como “atributo das pessoas que exercem informalmente alguma

influência sobre o comportamento ou a atitude de seus pares, conduzindo-os frequentemente em determinada direção desejada” (p.87). E acrescenta: “consideram-se líderes de opinião os agricultores que receberam indicações sociométricas de pelo menos 15% dos seus pares, sob quaisquer dos critérios investigados (situação afetiva, instrumental, etc.)” (p.87).

Três principais categorias definem os nodos atuantes ou participantes, na estrutura de comunicação:

- Membro de clique<sup>7</sup> – Indivíduo que tem a maioria de suas ligações voltadas para outros nodos do mesmo subsistema.
- Ligação ou liaison – Indivíduo que interliga dois ou mais subsistemas da rede de comunicação, sem pertencer especificamente a nenhum deles. Sem fazer parte de nenhuma clique, ele passa informação de uma clique para outra.
- Ponte – Indivíduo que, além de pertencer a determinada clique, mantém ligações com outras cliques para as quais envia informações ou das quais recebe informação.

Além desse referencial teórico voltado à análise sociométrica, Paixão et al. (2002), seguindo a nomenclatura moreniana, utilizaram o seguinte termo para os indivíduos com muita interação social:

- Estrela (ou líder) – É o indivíduo mais votado ou aquele que é indicado por grande número de escolhas.

Entre os nodos não-atuantes, o mesmo autor considera a seguinte tipologia:

- Isolado tipo I – Indivíduo que não tem nenhuma espécie de ligação com outro membro do sistema; não procura outras pessoas e também não é procurado.
- Isolado tipo II ou periférico – Embora esteja situado fora do fluxo principal da rede de comunicação, mantém um contato mínimo com algum

---

<sup>7</sup> Define-se “clique” ou “subgrupo” como um componente estrutural da rede de comunicação, formado de pelo menos três elementos em interação. Rodrigues (1978), em seus estudos, considerou “clique” como o conjunto de elementos (no mínimo três) vinculados com pelo menos metade dos outros membros por ligações diretas e não necessariamente simétricas. Nessa condição, para ser membro de “clique”, o indivíduo precisa ter ligações diretas com 50% ou mais dos eventuais integrantes do grupo.

membro do sistema. Ele não pode transferir informação no sistema; pode, porém, ser uma fonte de informação extra-sistema se tiver ligações que o habilitem a tanto.

- Díade isolada – Subsistema no qual dois indivíduos estão em interação. Pode ser simétrica ou assimétrica, dependendo se houver ou não reciprocidade de relações. A díade não recebe nem transmite informação, considerando a rede de comunicação. Sob esse aspecto, assemelha-se ao isolado tipo I.
- Nodo ramificado – Indivíduo que, além de estar ligado a alguém que participa de uma clique, mantém relações com um nodo periférico. Ele controla a informação gerada no sistema que possa chegar ao indivíduo periférico.
- Corrente – Subsistema formado de indivíduos interligados linearmente por meio de relações unidirecionais, transitivas. Seus membros ficam, portanto, isolados de quaisquer relacionamentos com a rede de comunicação.

Paixão et al. (2002), seguindo a nomenclatura moreniana, utilizaram os seguintes termos para os indivíduos de pouca ou nenhuma interação social:

- Periférico – É aquele que escolhe, mas não é escolhido por ninguém.
- Solitário – É aquele que não escolhe nem recebe escolha de nenhum colega.
- Isolado – É aquele que é escolhido, mas não escolhe ninguém.

### A organização social numa proposta de desenvolvimento sustentável de assentamentos de reforma agrária – Projeto Unai

Nos últimos anos, as instituições de pesquisa e ensino atentaram para a importância de apoiar ou estimular projetos de desenvolvimento rural, que buscassem uma maior e variada integração entre a pesquisa e a extensão rural. Entenderam ainda que o desenvolvimento econômico e social não pode mais ser visto única e exclusivamente como fruto de uma mudança tecnológica. Essa mudança deve ser um componente essencial, mas não único, de um processo mais amplo (Gastal et al., 1993).



Para a construção do desenvolvimento sustentável, são necessários novos cidadãos – homens e mulheres –, responsáveis por novas práticas sociais, novas práticas de convivência e novos processos administrativos e de cidadania. Novos, porque avessos ao clientelismo, ao autoritarismo, aos planejamentos que não priorizam o efetivo desenvolvimento de todos e para todos; porque adeptos da parceria, do diálogo, da construção comum (Jara, 1998). Não haverá desenvolvimento, a menos que se formem e se capacitem os próprios assentados e suas famílias a querer (motivar-se), a saber e a poder solucionar os próprios problemas (FAO, 1992). Qualquer projeto que subestime a capacitação dos agricultores estará condenado ao fracasso, como de fato fracassaram, por esse mesmo motivo, muitos projetos de alto custo.

Com esse propósito, a Embrapa Cerrados, em parceria com a Universidade de Brasília – UnB –, o Instituto Nacional de Reforma Agrária – Incra –, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, coordena um projeto, denominado Projeto Unaí, que visa promover o desenvolvimento sustentável de assentamentos de reforma agrária da região do Distrito Federal e do Entorno – Incra-SR(28), por meio da adaptação de metodologia participativa de intervenção no meio real, que favoreça a utilização de inovações tecnológicas e sociais pelos assentados.

Atualmente, naquela região, existem 107 assentamentos onde estão instaladas 6.593 famílias, perfazendo uma população de 32.965 pessoas, que ocupam uma área de 319.753,54 ha. A escolha do Município de Unaí-MG decorreu tanto de sua representatividade, em termos de número de assentamentos, quanto da diversidade de ambientes que apresenta. Em Unaí, localizam-se 12% dos assentamentos do Estado de Minas Gerais, os quais ocupam cerca de 5% da área do município. Segundo Lucas (2002), são 16 projetos, que abrangem 45.569,09 ha, beneficiando 1.023 famílias, ou seja, 5.115 pessoas (para efeito de cálculo, consideram-se cinco membros por família).

Nesse município, foram escolhidos três assentamentos de reforma agrária: PA Paraíso, PA Jibóia e PA Santa Clara Furadinho, para a atuação direta do Projeto Unaí, em razão de apresentarem situações agroecológicas e tipos de produtores diversificados, representativos da Região dos Cerrados. Para efeitos de metodologia, o projeto utiliza três linhas de ações básicas:

- 1) Apoio à organização social para promover o desenvolvimento sustentável dos assentamentos de reforma agrária do DF e do Entorno.

- 2) Utilização de uma rede de estabelecimentos de referência para apoiar o desenvolvimento sustentável dos assentamentos de reforma agrária do DF e do Entorno.
- 3) Uso de pesquisas de mercado, de estudos de canais de comercialização e de estudos de cadeias produtivas como instrumentos de apoio à inserção dos assentados no mercado, e promoção do desenvolvimento sustentável de assentamentos de reforma agrária do DF e do Entorno.

A coleta de dados no contexto de diagnóstico geral e as ações a serem implantadas para a melhoria das relações sociais

No primeiro ano de implantação do Projeto Unaf, diversas ações foram implementadas com o propósito de levantar informações que esclarecessem o atual estado de desenvolvimento desses assentamentos. Para isso, diversos instrumentos de diagnósticos foram utilizados, e, no que se refere especificamente à avaliação da comunicação, da relação interpessoal e da liderança dessas três comunidades, foi empregado um questionário sociométrico, como forma de obter uma espécie de “fotografia” sociométrica dos assentados.

Inicialmente, foi acertado com os agricultores um encontro para levantamento de dados nos três referidos assentamentos, que abrangessem os temas: sistema de produção, mercado e organização social. Cada produtor que compareceu à reunião foi entrevistado individualmente ou acompanhado de seus familiares. Entre os itens da entrevista referente ao tema organização, foram levantados dados para a análise sociométrica de acordo com o seguinte roteiro ou instrumento de levantamento de informações:

Instruções para os entrevistadores:

- 1) Solicitar ao entrevistado que indique uma ou mais pessoas. No caso de serem várias as pessoas indicadas, hierarquizá-las, iniciando pelas mais procuradas.
- 2) Registrar, de forma legível, o nome completo da(s) pessoa(s) ou a forma como é conhecida no assentamento.
- 3) Escolher o responsável do lote (marido ou mulher) para responder às perguntas.

Para cada pergunta, utilizou-se um modelo de registro de informações conforme se vê na Tabela 1.

Pergunta n° 1 – Quais pessoas você procura ou recorre, no assentamento, para discutir questões que afetam a todos os assentados? (Ex.: questões relativas a estrada, ponte, escola, saúde, água, lazer, etc.).

Pergunta n° 2 – Quais pessoas que você procura ou recorre, no assentamento, para falar de questões particulares? (Ex.: assuntos de família, futebol, casamento, aniversário, viagem, etc.).

Pergunta n° 3 – Quais pessoas você procura ou recorre, no assentamento, para falar de questões de trabalho? (Ex.: plantio, compra de adubo, variedades de semente, produção de doce, produção de sabão caseiro, costura, etc.).

Nesta pesquisa, utilizou-se somente a situação de atração, desprezando a de rejeição.

**Tabela 1.** Modelo de registro de informações para a elaboração do sociograma.

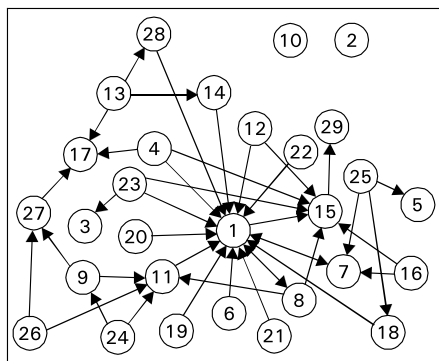
Nome do entrevistado	Motivo da escolha
•	•
•	•
•	•
•	•
•	•

(...) Não sei. (...) Ninguém. (...) Tanto faz. (...) Outro tipo de escolha .....

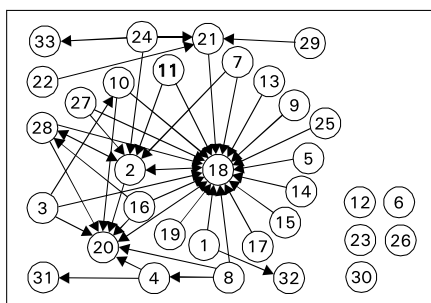
## OS RESULTADOS RELATIVOS À REDE DE COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL

Os resultados e as discussões estão apresentados a seguir, incluindo-se as cartas sociométricas ou sociogramas relativos ao tipo de interação em cada assentamento.

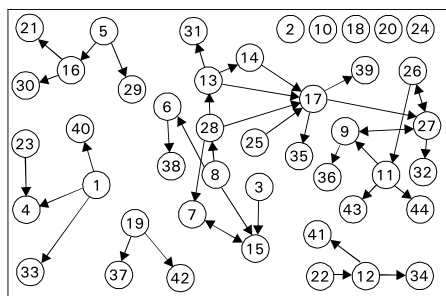
Cada número circunscrito do sociograma, conforme está representado nas Fig. 1, 2 e 3, representa um lote do assentamento, cujas respostas ao instrumento de levantamento de informações apresentado anteriormente foram respondidas, em geral, pelo responsável da família, na presença, quando possível, de seus familiares.



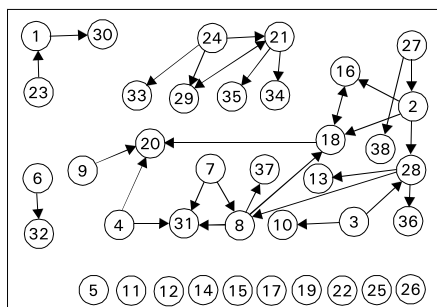
1 - Interação política



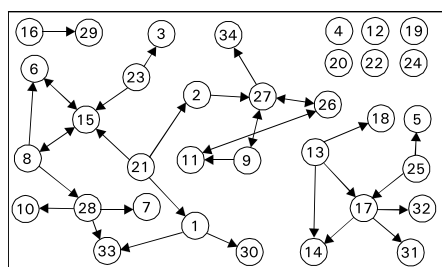
1 - Interação política



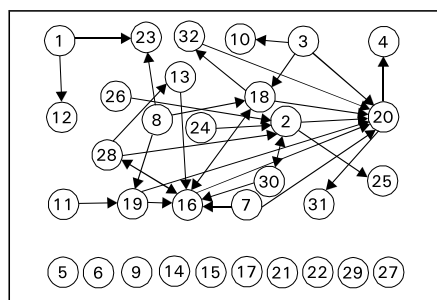
2 - Interação afetiva



2 - Interação afetiva



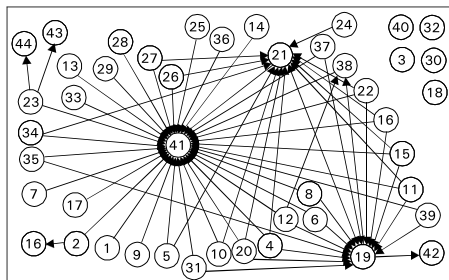
3 - Interação técnica



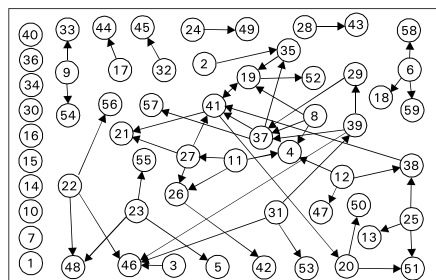
3 - Interação técnica

**Fig. 1.** Sociograma do PA Santa Clara Furadinho.

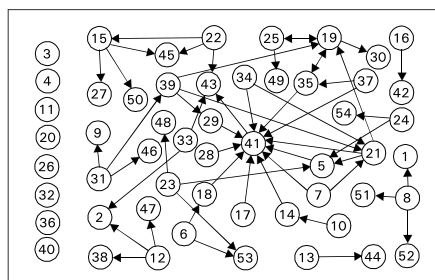
**Fig. 2.** Sociograma do PA Jibóia.



1 - Interação política



1 - Interação afetiva



1 - Interação técnica

**Fig. 3.** Sociograma do PA Paraíso.

A análise simplificada dos sociogramas (Tabela 2) destaca os membros ativos, periféricos e isolados de cada assentamento. Os membros são assim definidos:

- Membros ativos ou atuantes – Formados por pessoas que apresentam, na rede de comunicação interpessoal, mais de uma indicação ou escolha, destacando-se o líder de opinião, estrela ou *gatekeeper* – pessoa com mais de cinco indicações ou interações.
- Membros periféricos – Formados por pessoas que apresentam, na rede de comunicação interpessoal, apenas uma indicação, ou seja, escolhem apenas uma pessoa ou são escolhidos só por uma.
- Membros isolados – Formados por pessoas que não apresentam, na rede de comunicação interpessoal, nenhuma escolha, ou seja, não escolhem nem são escolhidos.

**Tabela 2.** Análise simplificada do sociograma.

Assentamento	Entrevistados	Citados e não-entrevistados	Membros ativos	Membros periféricos	Isolados
Relação interpessoal focada na interação de ordem política					
Santa Clara Furadinho	28	1	15 (52%)	12 (41%)	2 (7%)
Jibóia	30	3	15 (46%)	13 (39%)	5 (15%)
Paraíso	41	3	23 (53%)	16 (36%)	5 (11%)
Relação interpessoal focada na interação de ordem afetiva					
Santa Clara Furadinho	28	16	19 (43%)	20 (46%)	5 (11%)
Jibóia	30	8	15 (40%)	13 (34%)	10 (26%)
Paraíso	41	18	24 (41%)	25 (42%)	10 (17%)
Relação interpessoal focada na interação de ordem técnica					
Santa Clara Furadinho	28	6	17 (50%)	11 (32%)	6 (18%)
Jibóia	30	2	14 (44%)	8 (25%)	10 (31%)
Paraíso	41	13	25 (46%)	21 (39%)	8 (15%)

Na Tabela 2, pode-se verificar, em relação às três situações de interações investigadas – política, afetiva e técnica – que:

- O menor percentual de membros ativos foi apresentado pelo PA Jibóia (46%, 40% e 44%), enquanto o maior percentual de pessoas ativas foi apresentado pelo PA Santa Clara Furadinho (43% e 50%), exceto em relação ao critério político, que foi o do PA Paraíso (53%).
- O menor percentual de membros periféricos foi apresentado pelo PA Jibóia (34% e 25%), exceto em relação ao critério político, que foi o do PA Paraíso (36%); e o maior percentual de membros periféricos foi apresentado pelo PA Santa Clara Furadinho (41% e 46%), exceto em relação ao critério técnico, que foi o do PA Paraíso (39%).
- O menor percentual de pessoas isoladas foi apresentado pelo PA Santa Clara Furadinho (7% e 11%), exceto em relação ao critério técnico, que foi o do PA Paraíso (15%); e o maior percentual de pessoas isoladas foi apresentado pelo PA Jibóia (15%, 26% e 31%). Além disso, observa-se que o percentual de pessoas mais isoladas foi apresentado em relação ao critério técnico (18% e 31%), ou seja, a interação dos assentados é mais limitada quando o tema é de ordem técnica, exceto em relação ao critério afetivo, que foi o do PA Jibóia (26%).

O maior percentual de pessoas isoladas e o menor percentual de pessoas ativas apresentados pelo PA Jibóia pode ser, hipoteticamente, atribuído a dois

fatores: ser esse um assentamento criado recentemente e estar, por isso, passando ainda por uma fase de demarcação de território e fixação dos assentados nos lotes.

A relação interpessoal dos assentados, tratando-se de questões políticas, abrange, geralmente, a composição da diretoria das associações dos assentamentos, em especial seu presidente (líder estrela). Nesse caso, destacaram-se os seguintes membros: nº 1, nº 15 e nº 11 no PA Santa Clara Furadinho; nº 18, nº 2 e nº 20 no PA Jibóia; e nº 41, nº 21 e nº 19 no PA Paraíso (Fig. 1, 2 e 3). Em relação às questões afetivas, pôde-se verificar muita dispersão dos dados, bem como o surgimento de um grande número de cliques e o aparecimento de um líder forte, o nº 17, no PA Santa Clara Furadinho, e de dois líderes, o nº 41 e o nº 37, no PA Paraíso. Em relação às questões técnicas, pôde-se verificar uma liderança diluída e um grande número de subgrupos, destacando-se os líderes nº 16 e nº 20 no PA Jibóia e o líder nº 41 no PA Paraíso. Quem mais se destacou nesse caso foi o líder nº 41 do PA Paraíso, por ser muito solicitado em qualquer dos três contextos estudados, ou seja, por ser um membro de grande interação no seu assentamento.

Com relação ao motivo das escolhas, a análise dos dados foi feita com base no número total de motivos levantados, ou seja, em vários casos um entrevistado apresentou mais de um motivo em relação a uma escolha ou indicação. Nesse caso, não foram consideradas as respostas em branco para esta análise.

Em relação aos três assentamentos, pode-se verificar na Tabela 3 que:

- Na questão relacionada à situação política, destacaram-se os motivos status (31,9%, 32% e 62,8%), iniciativa (9%) e afinidade/afetividade (19,1% e 24%). No contexto político, por se constituir em base provedora e mantenedora das condições de trabalho e de sobrevivência do grupo, os respondentes foram unânimes ao indicar a liderança responsável pela organização que os representavam nos diferentes órgãos governamentais e privados.
- Na questão relacionada à situação afetiva, destacaram-se os laços de parentesco (40,4%), a proximidade geográfica (21,1% e 28,8%) e a afinidade/afetividade (36,2%, 47,4% e 27,1%). No contexto afinidade/afetividade, por constituir-se do processo vivencial de grupo – base motivacional para a execução de atividades coletivas e, portanto, por

**Tabela 3.** Análise dos motivos das escolhas/preferências nas situações política, afetiva e técnica, no PA Santa Clara Furadinho (SCF), no PA Jibóia (Ji) e no PA Paraíso (Pa).

	Percentual de motivos em relação às situações											
	Política			Afetiva			Técnica					
	SCF	Ji	Pa	SCF	Ji	Pa	SCF	Ji	Pa			
1	6,4	0	0	2,1	13,2	6,8	11,8	2,6	6,3			
2	<b>31,9</b>	<b>32</b>	<b>62,8</b>	0	2,6	5,1	0	0	14,1			
3	14,9	2	0	<b>40,4</b>	7,9	20,3	<b>31,4</b>	0	9,4			
4	6,4	10	5,1	4,3	<b>21,1</b>	<b>28,8</b>	15,7	12,8	<b>25</b>			
5	6,4	12	<b>9</b>	4,3	0	0	3,9	2,6	0			
6	0	10	7,7	8,5	2,6	10,2	7,8	15,4	6,3			
7	10,6	10	7,7	4,3	5,3	1,7	<b>19,6</b>	<b>30,8</b>	<b>21,9</b>			
8	<b>19,1</b>	<b>24</b>	7,7	<b>36,2</b>	<b>47,4</b>	<b>27,1</b>	9,8	<b>35,9</b>	17,2			
9	4,3	0	0	0	0	0	0	0	0			
10	<b>43,9</b>	<b>47,8</b>	<b>43,9</b>	<b>50</b>	<b>65,6</b>	<b>61</b>	<b>60,7</b>	<b>64,4</b>	<b>58,5</b>			



estar relacionado à amizade entre os membros de grupo –, os respondentes indicaram, reiteradamente, as pessoas de maior confiança, com maior poder de dar atenção e de comunicação.

- Na questão relacionada à situação técnica, destacaram-se os laços de parentesco (31,4%), a proximidade geográfica (25%), o conhecimento (19,6%, 30,8% e 21,9%) e a afinidade/afetividade (35,9%). No contexto técnico, por constituir a base para o desenvolvimento de habilidades operacionais, ligadas diretamente à execução de atividades tanto coletivas como individuais, os respondentes consagraram as pessoas que detinham conhecimento técnico.

Com relação às respostas em branco, a análise dos dados foi feita com base no número total de respostas sem indicação de uma pessoa e, conseqüentemente, sem indicação de pelo menos um motivo. Além disso, considerou-se, para efeito de cálculo, para cada entrevistado, o número máximo de até três indicações.

O percentual de respostas em branco variou de 43,9% a 60,7% para os respondentes do PA Santa Clara Furadinho, de 47,8% a 65,6% para os respondentes do PA Jibóia, e de 43,9% a 61% para os respondentes do PA Paraíso. Esses percentuais indicam alto percentual de abstinência de respostas e, por conseguinte, pode-se concluir que os dados apresentados e analisados podem não ser representativos da realidade da interação social dos membros dos três assentamentos.

Pode-se verificar, também na Tabela 3, que o componente das escolhas afinidade/afetividade foi um dos que mais se destacou, ou seja, é um forte ingrediente das relações interpessoais dos assentados, independentemente do critério de avaliação (político, afetivo ou técnico). Além disso, pode-se observar que, em todos os mapas apresentados, independentemente do assentamento e das perguntas, há poucas setas ou elos de ligações se cruzando, o que pode indicar baixo nível de interação grupal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este método, além de apresentar simplicidade de aplicação e análise, pode ser utilizado na avaliação das relações interpessoais que ocorrem durante os

trabalhos de desenvolvimento de grupo, ou seja, pode ser aplicado no início e no final desses trabalhos.

Os resultados da aplicação da sociometria aos três assentamentos de reforma agrária, objetos deste trabalho, permitem concluir que os assentados mantêm baixo nível de interação/comunicação interpessoal, o que é um fator restritivo ao surgimento de novas lideranças locais, à integração grupal e ao desenvolvimento de atividades coletivas, principalmente aquelas que não têm controle de produção individual e que dependem praticamente da integração do grupo.

Com base nessa informação, sugere-se que sejam realizadas atividades vivenciais, voltadas ao desenvolvimento interpessoal desses grupos, visando à obtenção de uma comunicação mais eficiente, à identificação de indivíduos com capacidade de liderança e cooperação, ao desenvolvimento da auto-estima, à capacidade de tomada de decisões, ao desenvolvimento da criatividade e à inovação, entre outros atributos. Essas atividades, relacionadas ao processo vivencial de grupo, podem ser conduzidas juntamente com as tarefas a serem desenvolvidas durante o período de execução do projeto. As tarefas são as principais fontes de motivação dos membros, uma vez que estão relacionadas diretamente com as necessidades dos grupos.

## REFERÊNCIAS

FAO. Escritório Regional da FAO para America Latina e Caribe. **Desenvolvimento agropecuário**: da dependência ao protagonismo do agricultor. 2. ed. Santiago, 1992. 106 p.

GASTAL, M. L.; ZOBY, J. L. F.; PANIAGO JÚNIOR, E.; MARZIN, J.; XAVIER, J. H. V.; SOUZA, G. L. C. de; PEREIRA, E. A.; KALMS, J. M.; BONNAL, P. **Proposta metodológica de transferência de tecnologia para promover o desenvolvimento**. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1993. 34 p.(Embrapa-CPAC. Documentos, 51).

JARA, C. J. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**: desafios de um processo em construção. Brasília: IICA ; Recife: Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco, 1998. 316 p.

LUCAS, G. **Viabilidade sócio-econômica da reforma agrária**: estudo de caso sobre o P. A. Renascer. 2002. Monografia do Curso de Especialização e Extensão em

Educação do Campo e desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos de Reforma Agrária. UnB(GTRA)/Embrapa Cerrados/INCRA/IICA.

MINICUCCI, A. **Dinâmica de grupo**: teorias e sistemas. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1997. 294 p.

MORENO, J. L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**: introdução à teoria e à prática. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1974. 367 p.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. 276 p.

PAIXÃO, L. E. S.; MUCHON, D.; SALOMON, D. V. **Evolução das relações interpessoais e do sistema de valores através do questionário sociométrico**. In: WEIL, P. Dinâmica de grupo e desenvolvimento em relações humanas. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. 230 p. cap. 5

RODRIGUES, C. M. **Análise comparativa de redes de comunicação interpessoal em duas comunidades rurais sob a ótica de mudanças tecnológicas**. 1978. 168 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 1978.

WEIL, P.; SCHUTZEMBERGER, A.A.; GARCIA, C. **Dinâmica de grupo e desenvolvimento em relações humanas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.